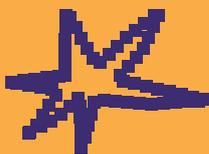


# Tecendo Identidades de Gênero

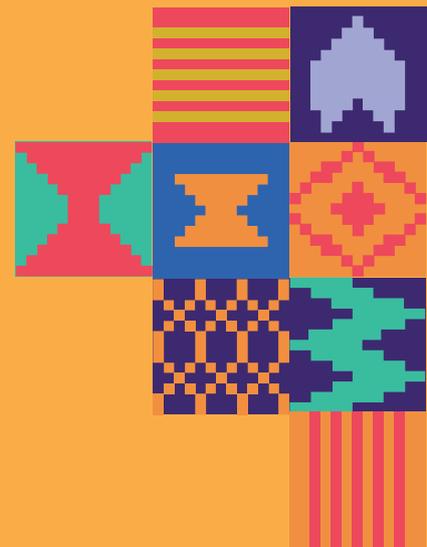
Contribuições da leitura de  
narrativas literárias de recepção  
infantil e juvenil

Flávia Ferreira da Costa

Ilma Socorro G. Vieira



Ciar UFG



# Tecendo Identidades de Gênero

Contribuições da leitura de  
narrativas literárias de recepção  
infantil e juvenil

Flávia Ferreira da Costa

Ilma Socorro G. Vieira

**Ciar UFG**

Goiânia  
2025



Esta obra está sob licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0: esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Realizado com apoio do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação (PPGEEB) do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) da Universidade Federal de Goiás (UFG), por meio do Edital n. 04/2023 de "Apoio a Produtos e Materiais Educacionais vinculados a trabalhos de dissertação de discentes do PPGEEB".

## Universidade Federal de Goiás

### Reitora

Angelita Pereira de Lima

### Vice-Reitor

Jesiel Freitas Carvalho

### Pró-reitor de Pós-Graduação

Felipe Terra Martins

## Programa de Pós Graduação em Ensino na Educação Básica • PPGEEB

### Coordenador

Glauco Roberto Gonçalves

### Vice-Coordenador

Evandson Paiva Ferreira

## Centro Integrado e Aprendizagem em Rede • CIAR

### Direção

Wagner Bandeira

### Vice-Direção

Silvia Figueiredo

### Coordenação Pedagógica e Gestão Moodle

Janice Lopes

### Coordenação Tecnológica

Amilton Araújo

### Coordenação de Comunicação

Raniê Solarevsky de Jesus

### Coordenação de Projetos Educacionais

Ana Bandeira

### Coordenação de Inovação e Interface

Victor Hugo César Godoi

### Direção de Arte

Renato Galhardo

### Identidade Visual e Desenvolvimento

Victor Frazão

### Revisão

Adelaide Lima

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) GPT/BC/UFG

C837 Costa, Flávia Ferreira da.  
Tecendo identidades de gênero : contribuições da leitura de narrativas literárias de recepção infantil e juvenil [Ebook]. / Flávia Ferreira da Costa, Ilma Socorro G. Vieira. - Dados eletrônicos - Goiânia : Ciar UFG, 2025.

#### Inclui referências.

ISBN (Ebook): 978-65-85278-72-0

1. Identidade de gênero na educação. 2. Incentivo à leitura. 3. Identidade de gênero na literatura. I. Vieira, Ilma S. G. II. Título.

CDU: 373.3:305

# Sumário

Agradecimentos	01
Introdução	03
Capítulo 1	04
Desmistificando Conceitos	
Capítulo 2	12
A Literatura na Construção das Identidades de Gênero	
Capítulo 3	17
Leitura de Narrativas Literárias de Recepção Infantil e Juvenil e Construção de Identidades de Gênero no Processo Educacional	
Capítulo 4	22
Desbravando o Caminho para Abordar Questões de Gênero na Prática: o papel as narrativas de recepção infantil e juvenil	
Referências	29

# Introdução

**“O Brasil é o quinto país que mais mata mulheres no mundo, os números são assustadores. [...] E eu pergunto a vocês: seguiremos nos recusando a falar sobre igualdade de gênero? Até quando? [...] Enfrentar este debate é nos comprometermos com a democracia e com nosso avanço civilizatório. Falar de igualdade entre mulheres e homens, meninas e meninos, é falar pela vida daquelas que não puderam ainda se defender da violência. [...] Somos a maior parte da população, ainda que sejamos pouco representadas na política. Ainda que ganhemos salários menores, que estejamos em cargos mais baixos, que passemos por jornadas triplas, que sejamos subjugadas pelas nossas roupas, violentadas sexualmente, fisicamente e psicologicamente, mortas diariamente pelos nossos companheiros, nós não vamos nos calar: as nossas vidas importam! [...] Quem acha que isso não merece ser debatido na nossa educação é porque se beneficia das desigualdades. Por isso, quero deixar registrado que, ao retirar os termos “gênero”, “sexualidade” e “geração”, fortalece a continuidade de desigualdades e violências dos mais diversos tipos. [...] Desde quando falar sobre uma opressão, que gera tantas mortes, é falar sobre alguma doutrinação? Se dizem tanto a favor da vida, então deveriam ser a favor da igualdade de gênero. E só se promove igualdade através de **uma educação consciente e do debate com nossas crianças, para que se tornem adultos melhores**. Por isso, como parlamentares responsáveis pelas cidadãs e cidadãos, devemos defender o debate na educação! **Se é da escola que nasce o espaço público que queremos, é indispensável que se fale de igualdade de gênero sim! Que se fale de sexualidade, de respeito, de laicidade, de racismo, de LGBTfobia, de machismo. Pois falar sobre estes temas é se comprometer com a vida, em suas múltiplas manifestações. É se comprometer com o combate à violência e a desigualdade! É mais do que urgente que não se cale sobre as vidas que são interrompidas dia-a-dia [...]. Falar de igualdade de gênero é defender a vida!”****

*Marielle Franco, 2018 (grifos meu).*

---

A construção de identidades de gênero, na infância e na juventude, e a compreensão da importância do respeito à diversidade são processos complexos, influenciados por vários fatores sociais, culturais e individuais. Em um mundo cada vez mais consciente acerca da diversidade e da inclusão, refletir sobre como a leitura de produções literárias de recepção

infantil e juvenil pode contribuir para a formação e a valorização de identidades de gênero torna-se indispensável. Neste *e-book*, analisamos como essa leitura é capaz de cumprir papel relevante nos processos formativos na Educação Básica, permitindo que, por meio de personagens diversas e da abordagem de temas prementes, as crianças e os/as jovens se reconheçam e se aceitem melhor, uma vez que, a literatura oferece um terreno fértil para a imaginação e a reflexão e, assim, favorece a percepção de que há muitos modos de ser e de viver na sociedade.

Para compreender as contribuições da literatura para a construção de identidades de gênero, é essencial articular teoria e prática. As teorias sobre gênero e desenvolvimento infantil fornecem uma base sólida para entender como as crianças assimilam e interpretam as concepções de gênero representadas em suas leituras. A prática pedagógica, por sua vez, demonstra como essas teorias podem ser aplicadas efetivamente no ambiente escolar. Histórias e personagens que desafiam estereótipos de gênero desempenham papel crucial nesse processo que envolve mediação pedagógica, com a finalidade de promover uma compreensão inclusiva e abrangente quanto a identidades de gênero.

Para garantir que as crianças e os/as jovens tenham oportunidades de ver suas experiências e identidades refletidas na literatura, é necessário ampliar e diversificar o acesso às obras. Quanto mais rico o acesso a narrativas que apresentam uma diversidade de vivências e experiências relacionadas a gênero, maiores são as possibilidades de se desenvolver uma compreensão mais ampla e inclusiva a respeito da natureza humana. Por exemplo, livros que apresentam personagens não conformistas ou que exploram a fluidez de gênero ajudam a entender, a aceitar e a respeitar a diversidade. Desse modo, a seleção cuidadosa dos títulos que serão apresentados aos/às jovens leitores/as é fundamental. Cabe, portanto, aos educadores, assim como aos pais, escolher obras que reflitam a diversidade de gêneros, proporcionando a identificação de padrões que devem ser discutidos na sociedade e de outras formas de ser e de viver, que precisam ser reconhecidas e valorizadas. Além disso, é importante a promoção de discussões e reflexões sobre os temas abordados nas obras, incentivando os/as jovens leitores/as a questionarem

normas e expectativas de gênero. Assim, crianças e jovens poderão encontrar espaços seguros para a expressão autêntica de suas identidades de gênero, e isso trará contribuições para a construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

# Agradecimentos

À espiritualidade maior e aos orixás, que iluminam e abrem meus caminhos nesta trajetória acadêmica, trazendo pessoas maravilhosas para compartilhar este caminhar, repleto de luz e desafios. À minha mãe, Áurea, uma mulher destemida e inspiradora. Ao meu companheiro, Jhonathan Diego, que escolheu caminhar ao meu lado, apoiando minha jornada de crescimento pessoal e também se engajando na construção de um mundo mais igualitário. Ao meu filho, Juan, que busca desconstruir padrões em um mundo ainda tão machista, e às minhas filhas, Maria Eduarda e Ana Júlia, verdadeiras inspirações feministas que me motivam diariamente. Agradeço por ter a oportunidade de crescer e evoluir ao lado dos meus filhos.

A Leosmar e Bárbara, cuja confiança em mim foi um farol durante os momentos de dúvida, incentivando-me a embarcar nesta jornada acadêmica. Aos colegas da 10ª turma do PPGEEB, que se tornaram verdadeiros parceiros de caminhada, pois ninguém caminha sozinho(a). Um agradecimento especial às amigas Cintia Dias e Cleiry Carvalho, cujas

presenças tornaram o percurso dessa pesquisa mais leve e significativo.

À Universidade Federal de Goiás, expresso minha sincera gratidão por todas as oportunidades que me foram oferecidas desde minha formação inicial na Faculdade de Educação. Ao PPGEEB do CEPAE/UFG, estendo meus agradecimentos às professoras, professores e técnicos-administrativos em Educação, assim como à coordenação, pelo apoio e incentivo na publicação do produto educacional, cujos custos serão custeados pelo programa.

Expresso minha gratidão especial às professoras doutoras que me inspiraram e incentivaram: Célia Sebastiana da Silva, Ilma Socorro Gonçalves Vieira e Vivianne Fleury de Faria. Com suas aulas inspiradoras, pude perceber que, por meio da literatura, podemos descobrir novos mundos, explorar ideias fascinantes e desenvolver um apreço duradouro pela arte da palavra escrita. Vocês me ensinaram a ler com os olhos da imaginação, a interpretar com profundidade e a apreciar a riqueza das histórias que permeiam nossa existência. Destaco minha profunda gratidão à minha orientadora, Professora Doutora Ilma Socorro Gonçalves Vieira, pela parceria, respeito, atenção e apoio inestimáveis ao longo de todo o processo de realização do mestrado. À minha coorientadora, Professora Doutora Lucinéia Scremin Martins, meu agradecimento pelo incentivo e pelas valiosas discussões feministas que enriqueceram minha jornada acadêmica. Por fim, a todas e todos que direta ou indiretamente contribuíram para esta caminhada.

# Capítulo 1

## Desmitificando Conceitos

---

Ao buscarmos desmistificar conceitos relacionados a identidades de gênero, pretendemos promover a igualdade entre os indivíduos, independentemente de raça, gênero, classe social, orientação sexual, religião ou qualquer outro aspecto que os constituem. Esse esforço é essencial para combater atitudes discriminatórias que levam à exclusão de grupos sociais. O nosso objetivo é contribuir para o reconhecimento e a celebração da diversidade humana, das variadas identidades de gênero, reconhecendo a relevância de todas elas para a sociedade. Sendo assim, a desmistificação de conceitos preconceituosos é crucial para a construção de sociedades mais justas, inclusivas e respeitadas, nas quais todos/as tenham a oportunidade de se desenvolver com dignidade e igualdade de oportunidades.

Vários/as autores/as se dedicam à desmistificação de conceitos preconceituosos em diversas áreas. Angela Davis, professora e ativista pelos direitos civis, produziu diversos textos sobre o tema da raça, classe e gênero, desafiando estereótipos e preconceitos. bell hooks <sup>1</sup>, reconhecida pelo seu trabalho no campo do feminismo negro, aborda temas de gênero, raça e classe em suas narrativas, promovendo uma perspectiva mais inclusiva e

intersetorial do feminismo. Simone de Beauvoir, feminista francesa, abordou a opressão das mulheres em sua narrativa-prima *O Segundo Sexo*, desafiando as concepções preconceituosas sobre o papel da mulher na sociedade.

Estes são apenas alguns exemplos de autoras que se dedicam à superação das barreiras do preconceito e à desmistificação de conceitos que, ao longo do tempo, foram reproduzidos por indivíduos interessados na manutenção da desigualdade de tratamento entre os gêneros.

## 1.1 O que é gênero?

Louro, Neckel e Goellner (2013) oferecem uma análise detalhada sobre a ideia de gênero e suas implicações, tanto teóricas quanto práticas. Em primeiro lugar, destacam que o conceito de gênero sugere que nossa identidade como homens e mulheres é moldada ao longo da vida por meio de várias interações sociais, em um sistema que não é estático, mas sim dinâmico e em constante mudança. Elas também ressaltam que os processos educacionais desempenham um papel crucial na promoção do reconhecimento e na problematização dessa dinâmica em constante evolução. Uma segunda implicação abordada pelas autoras é que, desde o nascimento, somos inseridos em padrões específicos que delineiam como devemos expressar a feminilidade e a masculinidade.

p.5

---

Essa perspectiva implica a noção das relações de poder entre homens e mulheres e como as estruturas sociais e culturais os moldam como “sujeitos de gênero”. As autoras, em referência a Simone de Beauvoir (1967), argumentam que “não nascemos mulheres, tornamo-nos mulheres”, sugerindo que o mesmo se aplica aos sujeitos masculinos. Por fim, as autoras destacam as implicações de compreender os papéis culturalmente construídos para homens e mulheres, enfatizando o gênero como uma construção histórica, social, cultural e linguística (Louro, Neckel e Goellner, 2013, p. 18-21).

O termo “gênero” refere-se às características socialmente construídas, papéis, comportamentos e expectativas associadas a ser masculino ou feminino em uma determinada cultura ou sociedade. Diferente do sexo biológico, que é atribuído no

nascimento com base em características físicas, o gênero é uma construção social e pode variar de acordo com diferentes culturas e contextos.

### 1.1.1 Você sabia?

Em diversos países, como a Escócia, a Birmânia e o sul da Índia, os homens usam saias sem que isso os identifique como mulheres. Na Escócia, por exemplo, os guerreiros das Terras Altas utilizam os *kilts*, feitos de um tecido xadrez chamado tartã, que revela sua afiliação ao clã. Nas regiões mencionadas da Birmânia e da Índia, tanto homens quanto mulheres usam saias, o que pode indicar a origem étnica, mas não o gênero. É crucial, portanto, ter em mente que as vestimentas variam de acordo com as culturas, e conclusões precipitadas não devem ser tiradas com base nisso.



Fonte: <<https://super.abril.com.br/historia/moda-celta-virou-simbolo-da-escocia>> Acesso: 25 de abril de 2024

## 1.2. Identidade de Gênero. O que é isso?

Stuart Hall, em seu estudo “Quem precisa da identidade?”, publicado no livro *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*, em 2014, destaca que a identidade não é uma característica fixa ou essencial, mas sim uma construção social e cultural influenciada por diversos elementos, como: cultura, história, poder e experiências individuais. Ele rejeita a concepção de identidades como estáticas, argumentando que estas são constantemente moldadas por fatores sociais, históricos e políticos, sendo centrais na experiência humana em sociedade. Hall enfatiza que a identidade não se limita à percepção interna de um indivíduo, posto que inclui também a forma como ele é percebido e representado por si mesmo e pelos outros, dentro de contextos culturais específicos.

p.6

O processo de construção da identidade é, portanto, complexo e contínuo, sendo influenciado por relacionamentos sociais, experiências pessoais e contextos culturais. Ao longo dos diferentes estágios da vida, como infância, adolescência, vida adulta e envelhecimento, os indivíduos enfrentam desafios, adquirem novas habilidades e passam por mudanças que contribuem para a construção contínua de suas identidades.

As discussões sobre identidades de gênero desempenham papel crucial na promoção da compreensão, do respeito e da inclusão de todas as pessoas, independentemente de suas individualidades. Reconhecer e respeitar a diversidade é fundamental para se construir uma sociedade mais igualitária, na qual seja garantida a igualdade de direitos e combatida toda forma de discriminação e preconceito. Desafiar estereótipos, questionando normas sociais que impõem expectativas rígidas e limitadoras sobre como homens e mulheres devem se comportar, se faz, portanto, necessário.

## 1.3 E esse tal de “Feminismo”, o que é?

Beauvoir (1967) analisa a posição das mulheres na sociedade, argumentando que elas têm sido historicamente subjugadas pelo patriarcado e pelos homens. Ela destaca a importância da autonomia feminina e da luta por direitos iguais.

O feminismo é um movimento que busca garantir que meninas e meninos tenham os mesmos direitos e oportunidades. Ele visa assegurar que as meninas sejam tratadas com respeito e tenham igualdade de chances para perseguir seus objetivos na vida, assim como os meninos. Graças à luta feminista, as meninas hoje podem brincar com qualquer tipo de brinquedo, receber a mesma educação e ter acesso às mesmas oportunidades de trabalho que os meninos. Além disso, o feminismo visa garantir que as mulheres sejam tratadas com igualdade e justiça em todas as esferas da vida.

Desta forma, o feminismo busca tornar o mundo um lugar mais justo e igualitário para todas as pessoas, independentemente de suas identidades de gênero. Todos/as nós podemos contribuir para o alcance desse objetivo, ao respeitarmos e apoiarmos uns/umas aos/às outros/as e ao lutarmos por justiça e igualdade entre os gêneros.

---

p.7

### 1.3.1 Você sabia que não precisa ter vergonha de ser feminista?

Atualmente, é frequente ouvir meninas declararem que não se identificam como feministas, fenômeno que pode ser atribuído a uma variedade de percepções negativas acerca do termo “feminismo”. Em certas culturas e comunidades, os indivíduos têm uma compreensão limitada sobre esse termo, de modo que ele ainda é estigmatizado como uma ideologia radical ou antagônica aos interesses masculinos, invés de ser reconhecido como um movimento voltado para a promoção da igualdade de gêneros. Representações distorcidas do feminismo na mídia ou em diálogos cotidianos também podem contribuir para essa visão depreciativa que leva muitas meninas a temerem ser rotuladas como “feministas”.

Ainda é possível observar que a palavra “feminista”, frequentemente, é vinculada a estereótipos, como mulheres que nutrem desdém pelos homens, que rejeitam práticas de beleza convencionais, que resistem ao casamento, entre outros rótulos que têm sido difundidos com o intuito de desacreditar a relevância do movimento feminista.

Assim, torna-se importante informar tanto meninas quanto meninos sobre o real significado do termo “feminismo” e seus propósitos, na perspectiva de uma educação baseada no

respeito e na valorização do ser humano, em sua diversidade.

### 1.3.2 Sejam todas e todos feministas!

Ser feminista significa apoiar e advogar pela equidade de gêneros, visando eliminar as disparidades e injustiças sociais. Um indivíduo feminista reconhece as formas de discriminação, opressão e desigualdade, que impactam as mulheres e pessoas de outros gêneros marginalizados, e se opõe a essas formas. Isso abrange a defesa pela igualdade salarial, o direito ao controle sobre o próprio corpo, o combate à violência de gênero, a promoção do acesso equitativo à educação e oportunidades de emprego, além da desconstrução de estereótipos.

Ser feminista não implica em odiar homens ou promover a supremacia feminina, como algumas posturas sugerem. Em vez disso, ser feminista envolve o reconhecimento de que as desigualdades de gênero são sistêmicas e de que é importante a busca ativa por mudanças para alcançar uma sociedade mais justa e igualitária para todas as pessoas, independentemente do gênero. O feminismo também pode abarcar a análise crítica das estruturas de poder que perpetuam a desigualdade de gênero e o apoio à diversidade de experiências e perspectivas das mulheres.

---

p.8

O feminismo é baseado na empatia e no respeito pelos/as outros/as, na valorização das diferenças e na luta contra a discriminação e a desigualdade. Por isso, as meninas não precisam sentir vergonha de se assumirem como “feministas”. Além disso, é fundamental desenvolver uma compreensão mais ampla e inclusiva do feminismo, reconhecendo e abordando suas interseccionalidades e diversidades.

### 1.3.3 Algumas conquistas do movimento feminista

As reivindicações promovidas pelo movimento feminista têm contribuído significativamente para a ampliação dos direitos das mulheres, tornando-se relevante destacar as conquistas históricas alcançadas através de suas lutas. No site, <https://nossacausa.com/>, é possível

encontrar o texto “Conquistas do feminismo no Brasil: uma linha do tempo”, em que estas conquistas estão elencadas, e as quais serão apresentadas abaixo.

Destacamos que, apesar de o movimento feminista ter conseguido contribuir com a ampliação dos direitos femininos, ainda há um longo caminho a ser percorrido para atingirmos a equidade de gênero.

## 1827 – Meninas são liberadas para frequentarem a escola

Ano de 1827, importante marco da promulgação da Lei Geral, permitindo que meninas frequentassem a escola, além do ensino primário. Antes disso, as mulheres não tinham acesso à educação básica para estudar.

## 1879 – Mulheres conquistam o direito ao acesso às faculdades

A conquista do direito de acesso das mulheres às universidades ocorreu em 1879, pouco tempo depois da permissão para frequentar escolas primárias. No entanto, o machismo que sempre esteve profundamente arraigado na sociedade ainda oprimia as mulheres que desejavam estudar, enfrentando preconceitos e obstáculos para alcançarem seus objetivos.

## 1932 – Mulheres conquistam o direito ao voto

A conquista do direito ao voto pelas mulheres brasileiras ocorreu somente em 1932, direito estabelecido pelo primeiro Código Eleitoral do país. A vitória foi consequência da persistente luta das mulheres, que reivindicavam esse direito há décadas, desde a Constituição de 1891. Movimentos feministas surgidos no início do século XX, inspirados nas lutas das mulheres nos Estados Unidos e na Europa, desempenharam papel crucial no movimento sufragista brasileiro.

## 1962 – É criado o Estatuto da Mulher Casada

Em 1962, a Lei no 4.212/1962 regulamentou a autonomia das mulheres casadas, permitindo que elas pudessem trabalhar sem a necessidade de autorização do marido. Além disso, elas passaram a ter o direito à herança e à possibilidade de pedir a guarda dos filhos, em caso de separação.

## 1974 – Mulheres conquistam o direito de portarem um cartão de crédito

Em 1974, um direito considerado de natureza banal, como a posse de um cartão de crédito, foi conquistado pelas mulheres. Os bancos, anteriormente, impuseram restrições, exigindo que mulheres solteiras ou divorciadas fossem acompanhadas por um homem para solicitar um cartão de crédito ou empréstimo. Essa prática discriminava as mulheres, considerando-as como propriedade do pai ou do marido, privando-as de voz e escolha. A aprovação da “Lei de Igualdade de Oportunidade de Crédito” permitiu que os/as clientes deixassem de ser discriminados conforme o gênero ou estado civil.

## 1977 – A Lei do Divórcio é aprovada

Em 26 de dezembro de 1977, a Lei do Divórcio foi aprovada, liberando as mulheres que, até então, estavam legalmente presas por terem um casamento infeliz. A partir da Lei no 6.515/77, a opção do divórcio tornou-se uma possibilidade legal no Brasil. No entanto, apesar da legalização, as mulheres divorciadas enfrentaram o estigma social, o que as levava a permanecerem em casamentos infelizes e abusivos em vez de procurarem o divórcio.

## 1979 – Mulheres garantem o direito à prática do futebol

Em 1979, as mulheres garantiram o direito de praticar futebol, apesar das restrições impostas anteriormente. Durante vários anos, o Decreto da Era Vargas vedou as mulheres de praticarem esportes que “não se adequavam às suas condições naturais”, como o futebol. No entanto, as mulheres desafiaram essa proibição e continuaram a jogar futebol em campos informais, pondo em xeque as noções de “natureza feminina”. Depois de quatro décadas, em 1983, o futebol feminino foi regulamentado, porém, os efeitos prejudiciais da proibição ainda são notados, com a falta de visibilidade e incentivo ao esporte feminino e a escassez de patrocínios.

## 1985 – É criada a primeira Delegacia da Mulher.

Em 1985, surge a primeira Delegacia de Atendimento Especializado à Mulher (DEAM) em São Paulo, seguida pela implantação de outras unidades em diferentes estados. As delegacias especializadas da Polícia Civil visam, principalmente, proteger e investigar os crimes de violência doméstica e sexual contra as mulheres.

## 1988 – A Constituição Brasileira passa a reconhecer as mulheres como iguais aos homens

Em 1988, a Constituição brasileira reconheceu as mulheres como iguais aos homens, uma conquista motivada pelas pressões do movimento feminista e outros movimentos populares que lutavam pela democracia. Finalmente, as mulheres foram reconhecidas como cidadãs, com os mesmos direitos e deveres dos homens, conforme a Constituição.

## 2002 – “Falta da virgindade” deixa de ser motivo para anular o casamento

Em 2002, o Código de Processo Civil brasileiro alterou a redação do artigo que permitia a anulação do casamento, caso o marido descobrisse que a esposa não era virgem antes da união. A ausência de virgindade feminina era, até então, considerada

um impedimento aceitável para o divórcio.

## 2006 – É sancionada a Lei Maria da Penha

Em 2006, a Lei Maria da Penha foi sancionada para combater a violência contra a mulher, em homenagem à mulher Maria da Penha que lutou por quase duas décadas para ver o ex-marido preso após duas tentativas de homicídio contra ela.

## 2015 – É aprovada a Lei do Feminicídio

O feminicídio foi reconhecido como um tipo de homicídio qualificado, segundo a Lei do Feminicídio, que foi aprovada em 09 de março de 2015.

## 2018 – A importunação sexual feminina passou a ser considerada crime

Em 2018, a importunação sexual contra mulheres passou a ser considerada crime pela Lei n.º 13.718/2018. Apesar de as mulheres ainda enfrentarem assédio e violência no dia a dia, a legislação assegura um mecanismo legal para proteger seus direitos.

## 2021 – É criada lei para prevenir, reprimir e combater a violência política contra a mulher

Em 2021, a Lei 14.192/21 foi criada para prevenir, reprimir e combater a violência política contra a mulher, estabelecendo normas para proteger os direitos das mulheres nas eleições e no exercício de funções públicas.

## 1.4 Patriarcado, machismo e misoginia. O que é isso mesmo?

Patriarcado, machismo e misoginia são termos que se relacionam para descrever diferentes aspectos das estruturas sociais que perpetuam a desigualdade de gênero e a opressão das mulheres. Apesar de os modelos de patriarcado e machismo estarem frequentemente relacionados e se sobressaírem em diversos aspectos, os dois modelos não são necessariamente idênticos.

O **patriarcado** é uma estrutura social, política e econômica na qual os homens têm a maioria do poder e da autoridade, enquanto as mulheres e outras identidades de gênero são subordinadas de forma sistemática e estrutural. O patriarcado é caracterizado pela hierarquia de gênero, na qual os homens ocupam posições de poder, privilégio e domínio, enquanto as mulheres ocupam papéis sociais de subalternidade. Este sistema pode ser notado em diversas instituições e práticas culturais que perpetuam a desigualdade de gêneros, como as leis discriminatórias, as normas de igualdade de gêneros, a divisão de trabalho desigual, dentre outras.

Gerda Lerner (2019), historiadora e feminista, é reconhecida pelo seu trabalho sobre a história das mulheres, tendo como foco principal o tema do patriarcado em diversas de suas narrativas. A principal ideia que ela apresenta é que o patriarcado não é apenas uma estrutura de dominação masculina sobre as mulheres, mas um sistema social mais complexo que não se limita às relações de gênero, mas também às estruturas sociais, políticas e econômicas.

A autora sustenta que o patriarcado é um sistema histórico que se desenvolveu ao longo do tempo e está arraigado em instituições sociais, culturais e religiosas. Ela analisa como o patriarcado se perpetuou ao longo da história e como as mulheres são subjugadas e marginalizadas dentro desse sistema. Ao mesmo tempo em que destaca que o sistema patriarcal envolve a cooperação das mulheres, e que esta cooperação acontece por

intermédio da doutrinação, privação da educação, da negação das mulheres sobre sua história, da divisão das mulheres entre respeitáveis e não respeitáveis, da coerção, da discriminação no acesso a recursos econômicos e poder político, e da recompensa de privilégio de classe dada às mulheres que se conformam. Elas participando, portanto, do processo de sua subordinação ao internalizarem sua inferioridade.

O **machismo**, por sua vez, é uma ideologia ou um conjunto de crenças que sustentam e justificam o patriarcado. O machismo é a perspectiva de superioridade masculina sobre as mulheres, que se manifesta em atitudes, falas e ações que desvalorizam, oprimem e discriminam as mulheres. Essas ações podem incluir a objetificação das mulheres, a negação dos seus direitos, a normalização da violência de gênero e a perpetuação de estereótipos de gênero.

---

p.10

bell hooks, uma escritora e intelectual feminista negra, aborda o machismo em diversas narrativas, enfatizando sua natureza opressiva e seus efeitos prejudiciais para mulheres, homens e relações sociais em geral. hooks explora como o machismo é internalizado desde a infância, por meio da socialização de gêneros. A autora avalia como as normas de gênero são transmitidas e reforçadas através da família, da educação, dos meios de comunicação e de outras instituições sociais.

A **misoginia** é caracterizada pelo ódio, aversão ou desprezo pelas mulheres, manifestado em atitudes e comportamentos que desvalorizam, humilham ou discriminam as mulheres em função do sexo. Ela pode ser expressa de diversas formas, desde comentários ofensivos e piadas sexistas até formas mais extremas de violência contra as mulheres, como o assédio sexual, estupro e feminicídio. Assim, é possível perceber que a misoginia está atrelada às estruturas patriarcais e ao machismo, uma vez que se fundamenta na crença de que as mulheres são inferiores e justificam a subordinação delas.

Em suma, o patriarcado é a estrutura social que sustenta a dominação masculina, o machismo é a ideologia que legitima essa dominação e a misoginia é o ódio e o desprezo pelas mulheres, que resulta desse sistema e dessa ideologia. Juntando-se esses elementos forma-se um ciclo de opressão que ainda tem impactos significativos na vida das mulheres,

em diversos lugares do mundo. A luta contra o patriarcado, o machismo e a misoginia são indispensáveis para alcançar a equidade de gênero e promover o respeito pelos direitos e dignidade das mulheres.

## 1.5 Feminismo e machismo são a mesma coisa?

Feminismo e machismo são ideologias antagônicas que refletem perspectivas opostas sobre as relações de poder e os direitos das mulheres na sociedade. O **feminismo** é um movimento social, político e cultural que visa à promoção da igualdade de direitos, de oportunidades e de tratamentos entre os gêneros, com ênfase na valorização e no respeito às mulheres. Ele reconhece as disparidades históricas, estruturais e culturais que afetam as mulheres em diversas dimensões da vida, incluindo o mercado de trabalho, a esfera política, a educação e a esfera familiar. Esse movimento objetiva desafiar e transformar as estruturas de poder, empenhando-se em implementar modificações que promovam a equidade de gêneros e a valorização dos direitos das mulheres.

O **machismo**, por sua vez, é uma ideologia que sustenta a superioridade masculina e a dominação dos homens sobre as mulheres, perpetuando a dominação masculina. O preconceito de gênero conserva estereótipos prejudiciais, fomenta a disparidade e a discrepância de gênero e reforça padrões de comportamento que restringem o potencial e a liberdade das mulheres. Assim, o machismo pode se manifestar de diversas maneiras, desde atitudes de desvalorização e objetificação das mulheres, até formas mais rebuscadas e profundas de violência e controle.

Enquanto o feminismo procura a equidade de gêneros e a emancipação das mulheres, o machismo persiste, mantendo a dominação e a opressão masculina sobre as mulheres.

1. O nome "bell hooks" é uma reivindicação do legado de sua bisavó, Bell Blair Hooks. A letra minúscula foi escolhida para dar enfoque ao conteúdo da sua escrita e não à sua pessoa. O seu objetivo, porém, não é ficar presa a uma identidade em particular, mas estar em permanente movimento. ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Bell\\_hooks](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bell_hooks))

# Capítulo 2

## A Literatura na Construção das Identidades de Gênero

p.12

---

Antonio Candido, em ensaio intitulado “O direito à literatura”, afirma que “a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação” (2012, p. 18). Nessa perspectiva, a literatura é entendida como um “bem incompressível”, ou seja, indispensável para a formação humana. O direito de acesso a ela não pode, portanto, ser negado.

Em se tratando da construção de identidades de gênero, é possível considerar que a importância da literatura consiste, especialmente, no fato de sua leitura proporcionar ao/a leitor/a oportunidade do encontro com diferentes experiências humanas, inclusive, quanto às relações de gênero. Em determinadas narrativas de recepção infantil e juvenil, por exemplo, a singularidade das personagens é um aspecto que se ressalta, de modo que há aquelas que desafiam os padrões de gênero tradicionalmente estabelecidos nas sociedades de origem patriarcal. Desse modo, no ato da leitura, pode ocorrer um processo de

identificação por parte dos/as leitores/as, a partir da caracterização das personagens que, em suas especificidades, adquirem vitalidade e promovem a visibilidade de indivíduos de diferentes perfis.

A literatura explora as complexidades humanas, entre elas, as que dizem respeito às relações raciais, de classes sociais e de gênero. Dessa forma, as obras podem desvendar estereótipos de gênero, ao apresentarem personagens que problematizam noções tradicionais de masculinidade e feminilidade. Assim, a literatura se configura como aliada poderosa para a valorização de indivíduos que, em geral, são marginalizados ou sub-representados na sociedade. E ao lerem histórias cujos enredos são vivenciados por personagens com as quais os/as leitores/as podem se identificar, há probabilidade de uma conexão capaz de resultar em uma espécie de apoio e inspiração, especialmente para os/as que estão em processo de construção de suas identidades, como é o caso das crianças e dos/as adolescentes. Além disso, os mecanismos de identificação, por meio da leitura literária, podem promover a empatia, favorecendo para que os/as leitores/as se sintam no lugar de personagens com experiências distintas de gênero. A superação de preconceitos e estereótipos e maior aceitação e respeito à diversidade de identidades de gênero podem ser os benefícios finais da leitura.

---

*p.13*

O escritor Hans Robert Jauss (1994), reconhecido por seus estudos acerca da estética da recepção de narrativas literárias, destaca a relação dinâmica entre o texto literário e o/a leitor/a. A discussão feita pelo autor considera a estética da recepção como uma abordagem que enfatiza o papel ativo do leitor na construção do sentido das obras. Sua argumentação rejeita a ideia de um sentido estático em uma narrativa literária e defende que, ao contrário, a construção de sentido é um resultado fluido da interação contínua entre o texto e o/a leitor/a. A leitura de uma narrativa literária pode ter, portanto, efeito transformador. Desse modo, o encontro com textos desafiadores é capaz de levar a uma mudança nos horizontes de expectativas do/a leitor/a, contribuindo para sua evolução intelectual e emocional.

## 2.1 Como o Método Recepcional da leitura de narrativas literárias de recepção infantil e juvenil pode contribuir para a construção de identidades de gênero na escola

O Método Recepcional da leitura de narrativas literárias destinadas ao público infantil e juvenil desempenha papel de destaque na formação de identidades de gênero na escola. Ao proporcionar um amplo contato dos/as estudantes com narrativas que apresentam personagens com diversas identidades de gênero, o/a professor/a, por meio desse método, abre espaço para ricas discussões no ambiente escolar e oferece oportunidades para se compreender a complexidade e a diversidade humana. Mediante uma análise crítica das narrativas literárias, os/as jovens leitores/as são motivados/as a identificar e a questionar estereótipos de gênero enraizados na sociedade e, por vezes, representados na literatura. Com isso, podem ser estimuladas reflexões valorosas sobre a perpetuação de certos padrões sociais, responsáveis pela definição de papéis distintos para homens e para mulheres, para meninos e para meninas.

Ao se engajarem na leitura de narrativas que abordam uma variedade de identidades de gênero, os/as alunos/as podem desenvolver empatia e compreensão em relação às experiências alheias. Isso promove um ambiente escolar inclusivo e tolerante, onde todas as pessoas são valorizadas e respeitadas, independentemente de sua identidade de gênero. E como o Método Recepcional tende a promover o encorajamento dos/as educandos/as para que participem, ativamente, de discussões críticas sobre aspectos que se ressaltam nos textos literários, quando estão em pauta questões relacionadas a gênero, pode haver incentivo para que eles/as expressem suas próprias experiências, opiniões e perspectivas. Essa abordagem do texto literário facilita a criação de um espaço seguro e aberto, no qual todos/as podem compartilhar dúvidas, preocupações e ideias sobre identidade de gênero.

O trabalho em sala de aula, baseado no Método Recepcional, tem como principal objetivo ampliar as expectativas dos/as jovens leitores/as. Organizado em cinco etapas, ele permite adaptar o conteúdo programático e os procedimentos metodológicos ao contexto de

aplicação. Reconhecido como um método que valoriza a participação dos/as estudantes na leitura de diferentes gêneros textuais, a abordagem coloca o/a estudante como o/a agente principal da leitura literária, de forma sequencial e organizada.

Ao explicitarem o desenvolvimento do Método Receptional, nos processos de leitura literária na escola, Vera Teixeira Aguiar e Maria da Glória Bordini (1993) destacam o papel crucial do/a professor/a na formação do leitor/a literário/a, oferecendo estratégias que ampliem o horizonte de expectativas dos/as alunos/as, por meio da leitura de textos diversos. Estes textos devem visar apresentar novos conhecimentos, desafiar preconceitos existentes e fomentar o desenvolvimento de leitores/as críticos/as e reflexivos/as.

p.14

Nesse contexto, apresentamos a sequência proposta pelo método, fundamentada em cinco passos que direcionam a visão de mundo do/a leitor/a e contribuem para uma prática literária ativa, emancipatória e significativa para os/as estudantes. Em suma, o Método Receptional da leitura de narrativas literárias para crianças e jovens pode desempenhar um papel crucial na construção de identidades de gênero na escola, proporcionando oportunidades para explorar a diversidade, desconstruir estereótipos, promover a equidade, cultivar empatia e tolerância, estimular o diálogo e a reflexão crítica sobre questões de gênero.

## 2.1.1 Análise dos horizontes de expectativas ou receptividade

O primeiro passo da aplicação do Método Receptional é uma análise dos horizontes de expectativas dos/as estudantes. O/A professor/a faz uma investigação preliminar acerca dos conhecimentos que eles/as já acumularam ao longo das experiências de leitura, por meio de questionamentos, conversas e debates, permitindo que compartilhem suas impressões de leituras anteriores.

## 2.1.2 Expectativas existentes ou concretização

O segundo passo da aplicação do Método Receptional tem o objetivo de atender as expectativas existentes. O/a professor/a já tem uma ideia do nível de expectativas dos/as estudantes e procura estratégias de ensino-aprendizagem que estejam conforme o contexto e o domínio deles/as. Para isso, são selecionadas narrativas literárias que dialoguem com o perfil social e cultural da turma, proporcionando experiências de leitura significativas e prazerosas.

### 2.1.3 Ruptura dos limites das expectativas

O terceiro passo da aplicação do Método Receptional é a busca pela ruptura dos horizontes de expectativas dos/as estudantes, mantendo as táticas anteriores, disponibilizando textos que trazem temas, estruturas e linguagens habituais, mas também leituras capazes de propor novos desafios. Esta etapa requer maior cuidado por parte do/a professor/a, porque, nela, ao mesmo tempo em que os/as estudantes se veem diante de leituras cujo grau de dificuldades é maior que o das leituras com as quais já estão familiarizados/as, é necessário que os seus graus de evolução como leitores/as sejam considerados. Desse modo é que seguem avançando em relação a suas certezas e costumes e criando novos horizontes de expectativa.

### 2.1.4 Questionar os limites das expectativas

O quarto passo da aplicação do Método Receptional consiste em questionar os limites das expectativas. É um momento de interação entre os/as estudantes, no qual são desenvolvidas atividades em grupo e são comparadas as impressões e os novos sentidos construídos acerca do texto lido. O/A professor/a assume a função de mediador/a das discussões.

---

Conforme Bordini e Aguiar (1993), as práticas descritas e a busca por resultados satisfatórios somente serão alcançadas com o entendimento dos objetivos listados a seguir:

1. Efetuar leituras compreensíveis e críticas;
2. Ser receptivo com novos textos e as leituras de outrem;
3. Questionar as leituras efetuadas em relação a seu próprio horizonte cultural;
4. Transformar os próprios horizontes de expectativas, bem como

*os do(a) professor(a), da escola, da comunidade familiar e social (Aguiar; Bordini, 1993, p. 36).*

Esses objetivos mostram que a proposta de trabalho é dialógica, envolve debates, discussões dirigidas, leituras compartilhadas e criticidade em relação às expectativas dos/as estudantes acerca do texto lido. Ela pode ser desenvolvida por meio da escrita e da oralidade, permitindo novos olhares sobre o texto.

## 2.1.5 Ampliação dos horizontes de expectativas ou assimilação

A última etapa dessa sequência organizada é a ampliação dos horizontes de expectativas dos/as estudantes, por meio de um processo no qual cada leitor/a estabelece um paralelo entre suas expectativas iniciais e seus interesses após a realização das leituras propostas. O confronto de expectativas durante esse processo resulta em uma tomada de consciência por parte dos/as estudantes, em relação ao aumento de suas exigências de leituras e suas capacidades de explorar diferentes textos literários. Leituras mais desafiadoras, esteticamente, e que correspondam aos novos horizontes de expectativas construídos passam, assim, a fazer parte das buscas dos/as jovens leitores/as.

*p.16*

Aguiar e Bordini (1993) defendem que cada nova incursão na narrativa abre um leque de perspectivas para descobertas únicas, moldadas pelas transformações contínuas que ocorrem nas vivências dos/as jovens leitores/as. Nesse sentido, as pesquisas fundamentadas no Método Receptional têm como objetivo compreender o progresso da formação leitora dos/as jovens, à medida que seus horizontes de expectativas sejam redefinidos e ampliados.

A abordagem do Método considera a diversidade de interpretações que podem ocorrer, a partir de experiências pessoais, de contextos culturais e sociais. Assim, é possível observar como diferentes leitores/as, em diferentes épocas e contextos, podem interpretar de modos diferentes uma mesma narrativa literária. Desse modo, é fundamental reconhecer que a

ampliação dos horizontes de expectativas, entre um determinado grupo de estudantes, não ocorre de maneira uniforme, mas em ritmos e formas tão diversas quanto podem ser diversas as subjetividades presentes nesse grupo.

# Capítulo 3

## Leitura de Narrativas Literárias de Recepção Infantil e Juvenil e Construção de Identidades de Gênero no Processo Educacional

*p.17*

A leitura de narrativas literárias destinadas ao público infantil e juvenil pode desempenhar papel importante no desenvolvimento das crianças e dos jovens. Diversas narrativas literárias desafiam os estereótipos de gênero estabelecidos, apresentando personagens que não se limitam aos parâmetros sociais de masculinidade e feminilidade. O acesso a essas narrativas é capaz de ajudar a desconstruir ideias preconcebidas sobre o que é ser homem ou mulher, promovendo uma compreensão mais aprofundada e flexível quanto a identidades de gênero.

Ao promover o acesso dos/as estudantes a histórias que problematizam o machismo e a misoginia, por exemplo, a escola cumpre a importante função de investir para que se estabeleça um contexto social, no qual a discriminação e a violência de gênero sejam combatidas, o respeito à diversidade se torne uma realidade e todas as pessoas possam ter oportunidade de ser livres para viver conforme suas identidades de gênero.

O processo educacional, nesse sentido, compreende um conjunto de finalidades que extrapolam os currículos voltados, com exclusividade, aos conteúdos específicos das áreas do conhecimento, pois pressupõe abertura capaz de abarcar as mais diversas questões que dizem respeito à formação humana. Por esta razão, promover momentos de debates em sala de aula, com atenção às necessidades prementes dos/as estudantes, precisa constar sempre entre os principais objetivos da prática educacional. A leitura de narrativas literárias de recepção infantil e juvenil, cujas personagens suscitam discussões relacionadas a identidades de gênero, pode ser, enfim, um ponto de partida fundamental para se colocar em pauta a importância da desconstrução de estereótipos de gênero, da equidade entre homens e mulheres, do cultivo da empatia e do respeito à diversidade, como forma de prevenir e de combater a discriminação e a violência de gênero.

### 3.1 Algumas narrativas literárias e diálogos possíveis sobre a construção de identidades de gênero

A leitura literária, conforme já ressaltado neste trabalho, é essencial para que crianças e jovens ampliem sua consciência crítica sobre diversas questões da realidade, sobretudo quando é seguida de diálogos capazes de despertar reflexões relevantes. Em se tratando de relações de gênero, há enredos ficcionais que despertam questionamentos acerca dos papéis sociais atribuídos, historicamente, aos homens e às mulheres.

---

Desta forma, a introdução de uma literatura que problematize relações de desigualdade entre gêneros configura-se como papel político a ser desempenhado pela escola. Isso se fundamenta no reconhecimento da necessidade de proporcionar aos/às estudantes oportunidades de explorar outros universos, conhecer diversas perspectivas e, desde a infância, construir uma visão de mundo humanizada. A promoção da leitura literária na escola é, portanto, essencial, haja vista que, além de cumprir função estética, essa leitura pode abrir caminhos para diálogos fundamentais na formação de crianças e jovens.

Apesar das transformações sociais já ocorridas, observa-se, nas dinâmicas familiares, resquícios de uma visão marcada, em diferentes graus, por aspectos machistas em relação às interações humanas. A escola, por sua vez, embora ainda reflita muitos padrões presentes nas estruturas familiares, assume em grande parte a crucial função de apresentar aos/às estudantes perspectivas diferentes, pautadas na igualdade de gêneros, em contraste com a tradicional visão patriarcal.

Desse modo, ressalta-se neste trabalho a intenção de evidenciar que é possível a escola investir para que meninos e meninas compreendam a importância do cultivo de relações pautadas no respeito mútuo. Conforme destacado por Daniela Auad (2022), a escola deve desempenhar o papel de gerenciar as relações de gênero, questionando e reconstruindo as concepções em torno do feminino e do masculino.

Dito isto, sugerimos um trabalho pedagógico a partir da leitura de três narrativas literárias: *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado; *Lute como uma princesa*, de Rita Murrow; e *A Moça Tecelã*, de Marina Colasanti. Nos subtópicos seguintes, as referidas narrativas serão apresentadas, objetivando compartilhar, de forma breve, algumas possibilidades de diálogos a respeito da construção de identidades de gênero, por meio da leitura literária.

### 3.1.1 O papel histórico da mulher em *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado.

É possível perceber que a literatura reflete as mudanças que ocorrem em contextos sociais específicos. As personagens, nesse sentido, espelham as aspirações de cada época retratada e, por vezes, ilustram as lutas empreendidas no plano coletivo, como é o caso das que resultaram nas conquistas alcançadas pelas mulheres no decorrer da história da humanidade. Em narrativas como *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado, observa-se uma tensão entre valores e costumes de épocas distintas, fazendo com que os/as leitores/as sejam levados/as a refletir sobre a necessidade de se flexibilizar o olhar, quando se põem frente à frente gerações distanciadas entre si, no tempo histórico.

*Bisa Bia, Bisa Bel*, narrativa publicada inicialmente em 1982, traz para o nicho literário um protagonismo feminino que se atrela, mesmo de forma ficcional e dentro do universo infantil, às mudanças pelas quais a figura feminina passou na sociedade, especificamente, no decorrer do século XX. No livro, o tema da liberdade aparece em nuance específica: trata-se da liberdade de ser e agir, que as mulheres vêm conquistando ao longo dos anos, e que abre espaço para um tempo histórico que possibilita reflexões, especialmente para as crianças.

A narrativa apresenta a história envolvente da relação de uma menina chamada Isabel com sua bisavó Bia e, mais tarde, com sua bisneta Beta. É um encontro entre passado, presente e futuro, marcado por ternura e sensibilidade, repleto de representações sociais e históricas do universo feminino. Isabel representa as personagens femininas que ainda carregam características de uma sociedade patriarcal, contudo, por serem ativas, questionadoras e críticas, buscam romper com paradigmas conservadores. Representações como essa oferecem aos/às leitores/as oportunidades valiosas para se refletir acerca dos papéis sociais atribuídos às mulheres, na sociedade brasileira, desde a infância.

### 3.1.2 “Branca de Neve”: Uma análise comparativa entre a versão dos Irmãos Grimm e a narrativa em *Lute como uma Princesa*, de Rita Murrow

A análise comparativa aqui esboçada tem o objetivo de distinguir padrões de comportamento estabelecidos para mulheres, em períodos históricos distintos. São referências para a análise o conto “Branca de Neve”, versão dos Irmãos Grimm, e a narrativa sob o mesmo título do conto, publicada no livro *Lute como uma Princesa*, de Rita Murrow. São destacadas as diferenças entre as narrativas, verificando as mudanças nos ideais de feminilidade ao longo do tempo, situando a mulher em narrativas dirigidas ao público infantil e juvenil.

---

Em *Contos dos Irmãos Grimm*, de Dra. Clarissa Pinkola Estès (2005), a história de Branca de Neve tem início com a rainha expressando seu desejo de ter uma filha que possua características idealizadas: “Quem me dera ter uma filha tão alva como a neve, carminada

como o sangue e cujo rosto fosse emoldurado de preto como o ébano!” (p.23). Este trecho inicial evidencia a busca pela perfeição, por parte da rainha. Essa concepção de beleza permeia toda a narrativa. No decorrer da história, Branca de Neve perde a mãe, o pai dela se casa novamente com uma bela mulher. A madrasta passa toda a narrativa preocupada em ser a mulher mais bela do reino. Por meio de um espelho mágico, descobre que Branca de Neve é mais bela que ela. Consumida pela inveja, a rainha ordena a execução de Branca de Neve, mas o caçador designado para a tarefa poupa a vida da jovem. A rainha tenta, de todas as maneiras, eliminar a princesa de seu caminho, mas nada dá certo. Ao final da história, a princesa se casa com o príncipe, dá um baile e convida a rainha, que é obrigada a dançar até a sua morte.

No livro *Lute como uma Princesa*, da autora Vita Murrow (2019), a versão de “Branca de Neve” apresenta uma abordagem contemporânea da clássica história. Por conta da ausência do rei, a rainha passa a executar os deveres reais. No entanto, a rainha logo percebe que as pessoas do reino estavam mais interessadas em sua aparência e nas roupas que vestia do que naquilo que ela fazia pelo reino. Assim, a rainha passa a buscar padrões de beleza impostos pela sociedade para estar sempre em evidência. A voz do espelho mágico também influencia os comportamentos e as ações da madrasta. Essa voz representa a sociedade, como que refletindo as normas de gênero do patriarcado. Nessa narrativa, a madrasta deseja impor, tal como sua sociedade lhe impôs, padrões de beleza a sua enteada Branca de Neve, que reluta em aceitar esses padrões, criando, assim, um atrito entre elas.

É possível perceber que a princesa é corajosa, que desafia as expectativas tradicionais acerca da figura feminina. A narrativa destaca valores de autoconfiança e autodeterminação, oferecendo uma perspectiva moderna para as crianças, desconstruindo estereótipos de gênero e promovendo a ideia de que as meninas podem ser protagonistas ativas de suas próprias histórias.

É importante observar que, nesta versão, em nenhum momento a madrasta tenta matar a enteada. Ela usa da magia para que a enteada fique feia e não seja vencedora do concurso de beleza. Apesar das atualizações para refletir valores contemporâneos, o reconto mantém elementos do conto original, incluindo a dinâmica da princesa, da madrasta, o espelho

mágico e a ênfase na busca pela beleza. Nesta versão específica, Branca de Neve entra em um sono profundo, mas é resgatada pela própria rainha, que demonstra arrependimento e parte em sua busca. Convencida da inexistência da perfeição humana, a madrasta rejeita o idealismo associado ao corpo feminino, contradizendo a noção de um modelo perfeito e inatingível. Assim, tanto a princesa quanto a madrasta advogam pela valorização da beleza interior.

p.20

Ao apresentar as duas versões da história de Branca de Neve para crianças, estabelecendo um diálogo que põe em pauta os diferentes contextos das narrativas e a visão de mundo representada em cada uma delas, sobretudo no que diz respeito à condição da mulher, é possível despertar inquietações e questionamentos em relação à aceitação dos padrões de beleza que ainda prevalecem na sociedade. É possível também promover uma reflexão importante sobre a valorização da igualdade de gêneros, trazendo para um debate crítico questões relacionadas aos desafios assumidos por mulheres que, desde cedo, procuram ser independentes e bem-sucedidas na construção de suas próprias histórias.

### 3.1.3 Identidades de gênero à luz da narrativa: *A Moça Tecelã*, de Marina Colasanti

O propósito de apresentar o conto *A Moça Tecelã*, de Marina Colasanti (2004), é enfatizar a relevância da leitura literária na formação humana, considerando a capacidade universal de se identificar com narrativas e buscar transformações para a realidade. A protagonista é uma jovem habilidosa na arte de tecer, e seu tear mágico confere à narrativa uma atmosfera de contos de fada, de modo que tudo o que ela tece ganha vida. Nesse contexto, por meio de seu trabalho, a moça tecelã é capaz de construir e de desconstruir toda a realidade em torno de si, inclusive os rumos de sua própria trajetória.

A protagonista do conto detém o controle sobre as transformações ao seu redor, entrelaçando dois elementos simbólicos fundamentais: o desejo e a liberdade. Ela é capaz de influenciar o curso dos acontecimentos e iniciar e concluir ciclos, tanto universais quanto pessoais. É relevante destacar que a moça tecelã não apenas influencia nascimentos, mas também dita o curso dos dias e a sequência dos acontecimentos. Diante de seu poder e

necessidades, decide criar uma companhia para si. A moça busca na sua imaginação as cores e as formas para tecer o seu amado. No início, tudo permanece em completa harmonia. Tanto que ela pensa, deitada no ombro dele, em como seria sua vida se ela aumentasse a família tecendo lindos filhos. Não demorou muito, até que o homem percebeu o poder que a mulher tinha e decidiu controlá-la. Dada à opressão do marido, a protagonista se vê obrigada a tecer incessantemente os desejos materiais insaciáveis dele, culminando no seu confinamento em uma alta torre.

*A Moça Tecelã* estabelece um paralelo com o tradicional papel feminino, subvertendo-o ao apresentar uma protagonista independente, corajosa e capaz de encerrar um relacionamento que não lhe traz felicidade, denunciando, assim, as estruturas patriarcais que subjogam as mulheres. A narrativa evidencia a liberdade de escolha da mulher e a coragem de romper com padrões opressivos, ressaltando a importância da conscientização sobre o papel individual na sociedade.

---

p.21

Apresentar essa narrativa às crianças e jovens é crucial para promover uma compreensão mais ampla e inclusiva das relações de gênero, incentivando a percepção e a capacidade de identificar e confrontar relacionamentos abusivos. Através da história da “Moça Tecelã”, os/as leitores/as são instigados a refletir sobre questões de liberdade, autonomia e igualdade de gênero, e isso contribui para uma educação que promova o respeito e a valorização de todas as identidades e escolhas individuais.

# Capítulo 4

## Desbravando o Caminho para Abordar Questões de Gênero na Prática: o papel as narrativas de recepção infantil e juvenil

A educação escolar desempenha papel fundamental na formação dos indivíduos, influenciando tanto na sua inserção crítica no mundo quanto na perpetuação de estruturas injustas. Conforme Paulo Freire (2000, p. 27) argumenta, a educação não é neutra, pois pode servir tanto à transformação social quanto à manutenção do *status quo*. Nesse sentido, é imprescindível reconhecer a importância da educação no processo de construção de identidades individuais, especialmente no que diz respeito às relações de gênero.

Guacira Lopes Louro (2014) ressalta a responsabilidade das instituições educacionais de promover uma abordagem inclusiva, que valorize a diversidade e permita a expressão autônoma das identidades dos indivíduos. Desse modo, a discussão sobre gênero e diversidade no âmbito educacional tornou-se uma necessidade premente na sociedade contemporânea. É preciso questionar as estruturas que perpetuam opressão, negação e silenciamento, as quais são frequentemente naturalizadas no ambiente escolar. A autora

ênfatiza a importância de se questionar o que é considerado “natural”, sugerindo a urgência em romper com determinados processos para possibilitar novas narrativas e configurações dentro de um novo contexto (p. 67).

Com o objetivo de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, a escola deve assumir o papel de facilitadora de discussões que ampliem o entendimento sobre identidades de gênero. Almeja-se formar cidadãos com pensamento crítico, capazes de imaginar novos paradigmas e livres de preconceitos, promovendo, assim, uma cultura de respeito à diversidade.

Promover discussões sobre relações de gênero, na prática educacional, a partir da leitura de narrativas literárias de recepção infantil e juvenil, envolve uma abordagem cuidadosa e deliberada. É necessário:

- escolher narrativas que apresentem personagens que desafiem estereótipos de gênero;
- realizar leitura crítica para identificar as questões de gênero que perpassam as narrativas, antes de compartilhá-las com os/as alunos/as;
- promover um contexto adequado para debates sobre as questões de gênero manifestas nas histórias, com atenção às necessidades e sensibilidades dos/as alunos/as e cuidado para que a discussão seja inclusiva e respeitosa quanto às diferentes perspectivas e experiências de gênero;
- promover atividades que incentivem os/as educandos/as a reconhecerem suas próprias identidades de gênero e a perceberem como elas são influenciadas pelos valores cultivados pela sociedade. Isso pode incluir discussões em grupo, escrita criativa, dramatizações e projetos artísticos;
- enfatizar a importância da empatia e do respeito em relação à diversidade de gêneros;
- incentivar os/as estudantes a pensarem em maneiras de se promover a equidade de gêneros em suas próprias vidas e comunidades. Isso pode incluir ações como desafiar estereótipos de gênero, apoiar organizações que trabalhem em prol da igualdade de gêneros ou criar projetos que promovam a inclusão e o respeito à diversidade.

Ao adotar essa abordagem, os/as educadores/as podem contribuir significativamente para a criação de um ambiente escolar que valorize a equidade de gêneros e respeite a diversidade de identidades, promovendo, assim, uma educação inclusiva e fortalecida para todos/as.

## 4.1 Caminhos metodológicos para uma abordagem das narrativas literárias apresentadas

Com o intuito de desenvolver uma sequência didática abrangendo temas como o preconceito, a discriminação e a desigualdade de gêneros, optamos por promover, por meio de pesquisa envolvendo estudantes do Ensino Fundamental, discussões a partir da leitura de narrativas literárias direcionadas ao público infantil e juvenil. Conforme anteriormente mencionado, reconhecemos que a literatura pode ser uma poderosa aliada na problematização de estereótipos, desde a infância.

A análise das personagens presentes nas narrativas estudadas proporcionou aos/as estudantes a oportunidade de desenvolver a empatia necessária para a construção de uma sociedade mais inclusiva. A leitura das narrativas selecionadas constituiu-se como ponto de partida para discussões sobre gênero e feminismo, tornando o espaço da sala de aula propício para tratar, de maneira sensível e acessível, das complexidades dessas questões.

Conforme observado, o contato com personagens como Isabel, de *Bisa Bia, Bisa Bel*, Branca de Neve e a Moça Tecelã permitiu que as crianças compreendessem a importância de posturas que desafiam estereótipos de gênero, e isso contribuiu para a possibilidade de construção de identidades de gênero, livre de julgamentos e de preconceitos.

Aguiar e Bordini (1988) ressaltam que a exposição a uma variedade de textos pode favorecer a expansão do horizonte de compreensão dos/as educandos/as, permitindo-lhes uma melhor percepção do presente e do seu papel como sujeitos históricos. Nessa perspectiva, a sequência didática trabalhada procurou abarcar um *corpus* literário, cuja leitura pudesse ampliar a formação literária dos/as alunos/as e contribuir para o desenvolvimento de uma consciência crítica e socialmente responsável acerca de questões que dizem respeito a gênero e feminismo.

Para desenvolver a sequência didática, optamos pelo Método Recepcional, seguindo uma série de passos bem definidos e organizados. No primeiro encontro, buscando identificar os horizontes de expectativa dos/as estudantes e as possibilidades de recepção, na turma, de

textos sobre o tema em questão, foi realizada uma roda de conversa, na qual todos/as puderam expressar suas compreensões e opiniões. Foi possível perceber que a maioria tinha conceitos equivocados e preconceituosos, mas todos/as demonstraram interesse pelo tema. Foi proposto aos/às estudantes que dialogassem com suas famílias para obter um entendimento das vivências de suas bisavós, avós ou mães, na infância, abrangendo aspectos como brincadeiras e oportunidades disponíveis na época. Além disso, as crianças foram incentivadas a levar para a sala de aula fotografias e objetos de época.

No segundo encontro, tendo como objetivo ampliar o repertório cultural dos/as alunos/as, todos/as puderam apresentar suas expectativas, após o diálogo com a família.

Desencadearam-se, a partir desse momento, debates focalizados na evolução histórica do papel da mulher na sociedade. Durante as conversas, houve reflexões sobre as mudanças ocorridas ao longo do tempo e sobre como isso moldou as experiências femininas.

No terceiro encontro, apresentaram-se, inicialmente, as biografias de Ana Maria Machado, de Rita Murrow e de Marina Colasanti. Em seguida, houve abordagens de suas respectivas narrativas *Bisa Bia*, *Bisa Bel*, *Lute como uma princesa*, com o conto da “Branca de Neve”, e *A Moça Tecelã*. As abordagens incluíram sessões de leitura e escrita coletiva, discussões em grupo, com alternância constante entre a leitura, interações e debates. Ao longo desse processo, os/as estudantes, gradualmente, passaram a discernir como as identidades femininas foram moldadas ao longo das décadas.

Em um quarto encontro, os questionamentos e as inquietações foram suscitados pelas novas leituras e discussões, partindo dos conhecimentos que as crianças já possuíam, gerando reflexões e novas possibilidades de reavaliar comportamentos e ideias acerca do universo feminino. As respostas variaram significativamente. Enquanto alguns/algumas manifestaram indignação e revolta diante das disparidades históricas, outros/as demonstraram indiferença.

Já no quinto encontro, concretizou-se o processo de ampliação dos horizontes de expectativas ou assimilação. Os/as alunos/as criaram e apresentaram cartazes, fundamentando-se nas discussões que ocorreram em sala de aula. Nesse encontro, ficou

evidente que nenhum/nenhuma aluno/a ficou passivo diante das narrativas abordadas, todos/as participaram, ativamente, das discussões dos tópicos apresentados.

Notou-se que os/as leitores/as tiveram a oportunidade de assimilar novas ideias relacionadas ao mundo real, o que, possivelmente, suscitou mudanças comportamentais e uma expansão de suas perspectivas culturais. Mesmo entre aqueles/as que, inicialmente, demonstraram indiferença ou expressaram a visão de que o tema era dispensável, ao final do processo, de maneira discreta, relataram que nunca levaram em conta as diferenças históricas na atribuição de papéis sociais a homens e mulheres.

p.25

Concluimos que a concretização da sequência didática trouxe contribuições significativas para o processo formativo dos/as estudantes envolvidos na investigação. A recorrência ao Método Recepcional, para criar um ambiente propício para debates sobre temas de tanta importância, revelou-se como uma estratégia complexa e necessária. A literatura, nesse sentido, confirmou-se como fundamental, em sua função estética, e como ponto de partida para que se pusessem em pauta questões essenciais referentes às relações de gêneros na sociedade atual.

Os/as alunos/as demonstraram receptividade quanto às narrativas apresentadas, muitos/as estabeleceram conexões entre elas e suas vivências cotidianas, inclusive, compartilharam relatos de seus familiares, o que lhes permitiu vislumbrar outras perspectivas para a construção de identidades de gênero. Nesse contexto, o processo não apenas abriu portas para uma reavaliação, por parte dos/as estudantes, de suas percepções acerca dos papéis atribuídos, socialmente, a homens e a mulheres, mas também os incentivou no sentido de uma participação ativa em debates sobre relações de gêneros.

As discussões que emergiram dessa abordagem confirmaram a importância da leitura literária no processo formativo das crianças e dos jovens, especialmente, quando se investe com o intuito de contribuir para a ampliação de seus horizontes de expectativas como leitores/as. O conjunto de estratégias que compreendem o Método Recepcional se revelou

pertinente, nesse sentido, pois favoreceu a construção de um ambiente educacional inclusivo e consciente, capaz de levar ao desenvolvimento de perspectivas mais sensíveis, no que tange questões relacionadas a gêneros.

## 4.2 Práticas cotidianas na escola para promover igualdade de gêneros

Embora a presença de meninos e meninas na mesma escola seja um passo importante para a promoção da igualdade de gêneros, simplesmente reunir meninos e meninas não é suficiente para eliminar a desigualdade entre os papéis sociais atribuídos a eles e a elas. Isso porque se trata de um fenômeno complexo, enraizado em várias instituições e estruturas sociais, incluindo a educacional.

p.26

Para que a igualdade de gêneros seja promovida, são necessárias ações específicas, voltadas para o combate de todas as formas de preconceito e discriminação manifestas no cotidiano, assim como para a desconstrução de estereótipos que persistem em muitas sociedades. Nessa perspectiva, é importante envolver toda a comunidade escolar, incluindo professores/as, servidores/as administrativos/as, pais, mães e alunos/as, em debates que põem em pauta a importância do reconhecimento, da valorização e do respeito à diversidade de gêneros.

Algumas mudanças simples que fazem a diferença:

- Demonstrar que não existem carreiras e profissões para meninos e outras para meninas;
- Vincular em todos os momentos mensagens de que não existem coisas de meninos, de um lado, e coisas de meninas, de outro;
- Desvincular as cores rosa, para meninas, e azul, para meninos. Afinal, todas as cores são para todos/as, independentemente de gênero;
- Perceber que valores e comportamentos como: afetividade, organização, força, carinho, racionalidade, coragem, correr, pular, gritar, chorar, lutar são movimentos igualmente aceitos para meninos e meninas;
- Evitar fazer filas de meninas e filas de meninos, pode-se pensar em filas mistas;

- Implementar currículos inclusivos que abordem questões de gênero de maneira sensível e adequada;
- Promover programas de conscientização sobre os direitos das mulheres e dos homens, por meio de um currículo que busque a equidade de gênero, com debates sobre sexualidade em todas as disciplinas;
- Buscar conhecer, em diferentes áreas de atuação, mulheres que tiveram destaques, por exemplo: na ciência, na história, na literatura, na física e em tantos outros campos que muitos acreditam que apenas homens tiveram destaque. É necessário conhecer a história de diferentes mulheres para que elas possam ser valorizadas e que outras mulheres e meninas se inspirem nelas;
- Estimular, em sala de aula e no pátio da escola, trabalhos e brincadeiras para serem desenvolvidas em conjunto;
- Encorajar meninos e meninas, igualmente, a serem líderes em grupos, brincadeiras e a falarem em público;
- Discutir e eliminar piadas racistas, machistas e misóginas;
- Sempre intervir e buscar fazer reflexões quando meninos e meninas estiverem sendo preconceituosos;
- Estimular a cooperação entre meninos e meninas, desencorajando a competição de gêneros, inclusive, evitando jogos com times de meninos contra time de meninas;
- Promover rodízio de atividades entre meninos e meninas, para que todos/as entendam que, independentemente de serem meninos ou meninas, todos/as podem desenvolver as mesmas atividades, como: servir lanche, carregar uma caixa, passar um pano na mesa que sujou, arrumar os brinquedos que espalhou etc.;
- Investir na capacitação e formação profissional da comunidade escolar, por meio da promoção de debates e reflexões sobre a importância de uma educação que busque a equidade de gêneros;
- Na hora de escolher livros didáticos, é importante observar como são apresentadas as imagens de mulheres, meninas, meninos e homens. Buscar por material didático que apresente uma educação igualitária;

*17 Desenvolver ações que busquem trabalhar, de forma permanente, uma educação comprometida com a equidade de gêneros, entendendo que as ações devem ser desenvolvidas ao longo do ano e não apenas em datas comemorativas, e acima de tudo, precisam estar contempladas no Projeto Político- Pedagógico da escola.*

É fundamental efetivar políticas e práticas que promovam a equidade de gêneros na escola, com medidas para prevenir e responder ao assédio sexual e à violência de gênero. Em suma, é essencial implementar ações específicas e intencionais para acabar com a

desigualdade de gêneros na escola e na sociedade como um todo. Isso requer um compromisso contínuo e colaborativo de todos os setores da comunidade escolar e além dela.

## 4.3. Reflexão

Na abordagem do tema de que trata este Produto Educacional, na escola campo da pesquisa empreendida, foi possível perceber o apreço que as crianças demonstraram pela maneira como apresentamos as histórias, destacando, especialmente, a apreciação da narrativa de *Bisa Bia, Bisa Bel*. A maioria também manifestou interesse pelo conto *A Moça Tecelã*. Os/as estudantes compartilharam que, muitas vezes, ao chegarem em casa, conversavam com seus responsáveis sobre as histórias e enfatizavam a importância de tratar as mulheres com respeito, destacando seus direitos iguais aos dos homens. Muitos/as estudantes observaram que alguns pais, embora surpresos, concordaram com os/as filhos/as. Em outros momentos, compartilharam suas reflexões sobre relacionamentos, expressando sua consternação diante do tratamento desrespeitoso e preconceituoso que as mulheres ainda enfrentam.

Os relatos apresentados reforçam a ideia de que a leitura literária leva o/a leitor/a a refletir sobre as próprias experiências, posto que a literatura tem natureza complexa e aberta. Conforme Aguiar e Bordini (1988) discutem, a pluralidade de significados dos textos literários indica que eles podem ser interpretados de diversas maneiras. Cada leitor/a pode extrair significados distintos de um texto, dependendo de suas experiências, perspectivas e contexto sociocultural. Assim, é válido ressaltar que o texto literário não se restringe a uma única interpretação; ao contrário, oferece múltiplas camadas de significado. Essa característica possibilita uma ampla variedade de reflexões e conexões pessoais, como evidenciado nas observações dos/as estudantes. Dessa forma, a experiência estética, a partir da leitura literária, além de enriquecer o repertório individual do/a leitor/a, capacita-o/a para reavaliar sua própria realidade e a ressignificá-la.

É válido ressaltar ainda que a abordagem de narrativas femininas na educação, tanto para meninas quanto para meninos, desempenha um papel crucial para a compreensão da importância da mulher na história e na sociedade contemporânea. Essa prática não só valoriza as contribuições das mulheres, mas também promove conscientização sobre questões de gênero e desigualdades que precisam ser rompidas. Para isso, é necessário reconhecer que a história da humanidade tem sido contada, predominantemente, do ponto de vista masculino, muitas vezes ignorando ou minimizando as experiências e realizações das mulheres. Em se tratando da literatura, é incontestável o fato de, ao longo da história, ela ter reunido mais títulos de autoria masculina do que de autoria feminina, em reflexo de uma trajetória de desvalorização da capacidade da mulher para ocupar espaços de poder e *status* social reservados para os homens. Ao incluir narrativas femininas no currículo educacional, os/as alunos/as têm a oportunidade de se familiarizar com uma variedade de vozes e perspectivas femininas, o que contribui para uma visão mais abrangente e equilibrada da história e da sociedade.

---

p.28

Além disso, ao estudar narrativas femininas, tanto meninas quanto meninos podem desenvolver empatia e compreensão acerca das experiências e desafios enfrentados pelas mulheres, ao longo da história e na atualidade. Isso é fundamental para se promover a equidade de gêneros e combater o sexismo e a discriminação de gêneros.

Quanto à importância de demonstrar o privilégio da mulher branca em relação à mulher negra, é essencial que as discussões na escola sejam capazes de promover o reconhecimento de que o feminismo precisa ser inclusivo e interseccional. Mulheres brancas e negras enfrentam diferentes formas de discriminação e opressão, e é importante que as mulheres brancas reconheçam e confrontem seu próprio privilégio racial. Ao estudar narrativas escritas por mulheres negras e discutir questões como o racismo sistêmico e a interseccionalidade, os/as alunos/as podem desenvolver uma compreensão mais profunda das interconexões entre gêneros, raça e outras formas de opressão. Isso contribui para uma abordagem mais abrangente e inclusiva do feminismo, que busca não apenas a igualdade de gêneros, mas também a justiça social para todas as mulheres, independentemente de sua raça, etnia ou origem socioeconômica.

Em suma, proporcionar a leitura de narrativas literárias em que se ressaltam questões relacionadas ao universo feminino é essencial para que o repertório literário dos/as estudantes seja ampliado e a equidade de gêneros possa ser vislumbrada. E ao reconhecerem o privilégio da mulher branca em relação à mulher negra, os/as jovens leitores/as podem desenvolver uma compreensão mais profunda das experiências das mulheres na história e na sociedade contemporânea, tornando-se capazes de contribuir para um movimento feminista mais inclusivo.

# Referências

---

AGUIAR, Vera Teixeira; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura**: a formação do leitor: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2022.

\_\_\_\_\_. **Feminismo**: que história é essa? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: A experiência vivida. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

bell hooks. *In* WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Bell\\_hooks](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bell_hooks). Acesso em: 13 maio 2024.

COLASANTI, Marina. **A moça tecelã**. São Paulo: Global, 2004.

ESTÉS, Dra. Clarissa Pinkola. **Contos dos Irmãos Grimm**. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. 14<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 61. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

HALL, Stuart. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org). 15. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

---

p.30

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. 36. ed. São Paulo: Ática, 1994.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **A escola e a pluralidade dos tempos e espaços**. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Escola Básica na virada do século: Cultura, política e currículo*. 3. ed. São Paulo: Cortez, p. 119-129, 2002.

\_\_\_\_\_. **Gênero, história e educação**. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n.2, jul./dez.1995.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, história e educação**: construção e desconstrução. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 101-132, 1995.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. **Segredos e mentiras do currículo**. Sexualidade e gênero nas práticas escolares. In: SILVA, Luiz Heron da (org.). A escola cidadã no contexto da globalização. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 33-47.

\_\_\_\_\_; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, Gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MACHADO, Ana Maria. **Bisa Bia Bisa Bel**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2007.

MURROW, Vítá. **Lute como uma princesa**. 1. Ed. São Paulo: Boitatá, 2019.

REDAÇÃO SUPER. In: **Por que os homens escoceses usam saia?** A moda celta virou símbolo nacional da Escócia. [S. l.], 30 jan. 2000. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/moda-celta-virou-simbolo-da-escocia>. Acesso em: 25 abr. 2024.

